

In Formação

Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia

02

Editorial

03

Possibilidades da escuta na clínica psicanalítica

06

Não tem wi-fi?! Isso é patético!" - O mal-estar e o mundo virtual

08

Suicídio: diferentes posicionamentos sobre um tema complexo

11

Entrevista

15

Agenda CEIP 2019



Os atravessamentos contemporâneos na prática clínica

APOIO: FIEIX, CURSO DE PSICOLOGIA, CSSH



Clínica de Estudos e
Intervenções em Psicologia
UFSM



A décima quarta edição do Boletim (In)Formação propõe refletir sobre os atravessamentos da contemporaneidade na prática clínica psicológica. Tendo em vista a complexidade e os inúmeros desdobramentos do tema, espera-se contribuir para a construção da experiência da escuta na atualidade. O texto da psicóloga Daiane Maldaner introduz a especificidade da Psicanálise para esta prática, promovendo retornos e contornos à ética e à técnica fundadas por Freud. Aprofundando as inquietações da prática clínica na contemporaneidade, a psicanalista Mariana Hollweg Dias expõe o paradoxo aproximação-distanciamento dos laços sociais na era das virtualidades. Já os estudantes de Psicologia, Caroline Rabello dos Santos e Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa, revisam as abordagens acerca do suicídio, temática cara àqueles que tem se ocupado da escuta clínica. Por fim, a entrevista realizada com a psicanalista Laura Prochnow evidencia a potencialidade da criação gráfica no trabalho com crianças em contraponto à exatidão das produções tecnológicas inviabilizadoras da abertura à curiosidade infantil. Àqueles interessados, boa leitura!

(In)Formação: Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. – N. 14 (ago. 2019) – Santa Maria, 2019-08.

Semestral
N. 14 (2019), "Os atravessamentos contemporâneos na prática clínica"
Disponível em: <http://coral.ufsm.br/ceip/index.php/publicacoes>

1. Psicologia 2. Boletim 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) 5. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Ficha catalográfica elaborada por Luciano Rapetti CRB-10/2031
Biblioteca Central da UFSM

EQUIPE DA CLÍNICA 2019:

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE EXTENSÃO CEIP

Amanda Schreiner Pereira

PSICÓLOGAS

Amanda Schreiner Pereira
Gabriela Oliveira Guerra

TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Marlos da Fontoura Rodrigues

ESTAGIÁRIOS

PSICOLOGIA CLÍNICA

Carolina Schmitt Colomé
Diego Alves Lemos
Guilherme Antes
Juliana Kuster de Lima Maliska
Juliana Roeber
Mikaela Aline Bade München
Murilo Alves
Paula Barros Marcuzzo
Rafaela Monçalves
Tania Helena Monteiro Andrade

ESTAGIÁRIOS

INTERVENÇÃO CLÍNICA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Cândida Prates Dantas
Jaqueline Rodrigues

BOLSISTAS

Esmel Luc Oliver Atchor
Júlia Meister Barichello
Juliana Kuster de Lima Maliska
Rafaela Monçalves

PRODUÇÃO

COORDENAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO BOLETIM (IN)FORMAÇÃO

Gabriela Oliveira Guerra

EXTENSIONISTAS:

Juliana Kuster de Lima Maliska
Rafaela Monçalves

REVISORAS

Amanda Schreiner Pereira
Gabriela Oliveira Guerra

DIAGRAMAÇÃO

Estevan Garcia Poll
Júlia Meister Barichello

CONTATO

Av. Roraima 1000, Cidade Universitária,
Bairro Camobi, Prédio 74-B, térreo. Santa
Maria/RS. CEP: 97105-900.
Telefone: (55) 3220-9229
E-mail: boletimceip@gmail.com
E-mail da secretaria: ufsmceip@gmail.com
Site: www.ufsm.br/ceip

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

De segunda a sexta-feira
Manhã: 8h30min às 11h30min
Tarde: 13h às 18h

POSSIBILIDADES DA ESCUTA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA¹

Daiane Maldaner²

É reconhecida por quem exerce a psicanálise a importância da teoria, da análise pessoal e da supervisão em favor da escuta do inconsciente. É neste tripé que Freud, ao longo de sua obra, sustenta a clínica psicanalítica.

Tal como assevera Lacan, Freud assumiu a responsabilidade de escutar o que as produções de sintomas nos dizem. Esta responsabilização ampliou as possibilidades de explicação para o sofrimento humano. O que Freud faz ao propor a escuta das produções sintomáticas é o contrário do que se obtinha através da mitologia, por exemplo, onde as doenças eram enviadas por Deuses e avançavam para os homens em silêncio. Lacan atenta para o fato de que, neste ínterim, há o risco de alienação do homem através da fascinação e que, com isso, abdica-se de se recuperar o sentido autêntico e o valor de salvação do sintoma (LACAN, 1998/1951, p.216).

Foi ao longo de sua vida que Freud constituiu a psicanálise. Sua trajetória nos faz perceber que, aquele que escuta a autenticidade da produção de sintomas, ao frequentar uma “sala de análise” (FRANCISHELLI, 2016) como analisando, por exemplo, ressignifica suas marcas corporais e as utiliza em favor da escuta clínica. Portanto, no presente texto, trago uma leitura possível de como tecer elementos éticos, técnicos e teóricos para a escuta em psicanálise.

É na transferência com o analista, com os pares, com os mestres e com os analisandos que a escuta se constitui. Ela advém da e pela possibilidade de nos depararmos com o que é singular, íntimo, que

até pode ser social, institucional, pode estar na cultura, mas que carrega marcas de singularidade. É na condição de quem percorre um caminho singular de aproximação com a psicanálise que retomo alguns passos da escuta em transferência, através de vestígios deixados por Freud, bem como das leituras de Lacan e de outros autores.

Uma das primeiras descobertas de Freud no caminho de construção do que hoje tomamos como fundamentos da psicanálise surge, a partir do tratamento da histeria e implica o abandono de uma das técnicas utilizadas por ele até então, a hipnose. A hipnose foi substituída pela associação livre que, por sinal, não está livre de resistências, da produção de pensamentos conscientes, de falas previamente articuladas. O que há, é uma aposta na associação livre, aposta de que o paciente possa falar sem julgamento, o que lhe vier à cabeça.

Falar o que vem à cabeça faz com inúmeras produções inesperadas aconteçam, no entanto, quando há uma situação em que o sofrimento se apresenta pronto, já conhecido, é como se a cortina, tal como o drama grego citado por Freud, se levantasse sempre no meio da peça, ou seja, muita coisa acontece antes, e o que vem à tona é somente parte deste material. Nesta situação, o efeito do julgamento é o de que ele se torna o continente da resistência, portanto, ele auxilia a resistência. Ao contrário de outra análise encontrada em Freud, onde o conhecimento está no sentido de um saber fazer, que se relaciona à responsabilização maior do homem por seu sofrimento (FREUD, 2017/1905-06).

Escutar o inconsciente é um trabalho que implica para aquele que escuta a análise constante das origens dos seus julgamentos que eventualmente aparecem, assim que se perceba sua ocorrência para que, então, a partir dos referenciais dos pacientes, possam ser tecidas intervenções que serão lidas a posteriori.

¹Texto adaptado da fala realizada no Seminário “Introdução à Clínica Psicanalítica”, em 27 de novembro de 2018, na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia – CEIP/UFMS.

²Psicóloga. Especialista em Clínica Psicanalítica (ULBRA-SM).

ri. Enquanto uma escuta acontece, os pensamentos conscientes emudecem e o que se destaca, quase que por acidente, é o inconsciente. Como nos diz Freud (2014/1938b, p.95) o analisando, além de falar o que lhe vem à cabeça, em transferência, é como se ele “agisse diante de nós em vez de nos relatar algo” e este agir está relacionado ao lugar em que o paciente coloca o analista, por exemplo, no lugar do pai (ou da mãe).

O *Eu* fica em suspenso enquanto se escuta (FREUD, 2017/1908). Para Francischelli (2016), durante este processo, a fragilidade entra em cena e as resistências ficam menos musculosas, sendo assim, quem escuta ignora o que sabe para querer saber o que ignora. Segundo Lacan (1998/1951) a transferência tem sempre o mesmo sentido, o que faz alusão ao termo contratransferência utilizado por Freud. O sentido é o de indicar os momentos de errância e também de orientação para “um não-agir positivo” (LACAN, 1998/1951, p. 225). Ou seja, que o analisando possa tomar aquele que o escuta “em boa consideração – negativo” (LACAN, 2008/1964). Assim, o drama construído pelo paciente pode seguir mantendo-o em pé, sem que se constitua uma ortopedização da subjetividade.

Todavia, aquele que se propõe a escutar utiliza-se, sem saber, já que não é de saber que se trata aqui, de todo o seu aparato, ou seja, seu aparelho psíquico, suas experiências de vida, ele escuta com o corpo, que contém histórias, marcas, traços. Podemos dizer que temos notícias dos processos psíquicos através do corpo. Para Freud (2014/1938a), o órgão corporal é o cenário da nossa psique. Quando falamos de psique, lembramos do aparelho psíquico, no qual o *Isso* é a instância psíquica mais antiga e engloba tudo o que foi herdado, trazido com o nascimento e que foi constitutivamente estabelecido. É a partir deste componente mais antigo do aparelho psíquico que se

iniciou o trabalho de investigação da psicanálise e que até hoje se configura como o mais importante elemento e terreno fértil para descobertas.

Há alguns anos, uma descoberta se tornou um marco por mudar consideravelmente a forma como passei a me colocar frente às aproximações com a psicanálise. Foi quando me deparei com o fato de que todo trajeto em psicanálise se desenvolve de certa maneira por caminhos já descritos por Freud. Parece curioso dizer que o caminho já foi escrito, principalmente quando se fala de psicanálise, uma prática tão ampla, tão “livre”, evidentemente ancorada pela ética e pela técnica. Contudo, há um caminho que, enquanto incompletude, enquanto falta, enquanto possibilidade, e também enquanto materialidade foi descrito por Freud. Ele fez um caminho, um percurso que é vivenciado por todos os que se propõe a fazer uma trajetória neste campo. Enquanto se vivencia a psicanálise, depara-se com trajetos semelhantes aos que Freud trilhou ao construí-la.

Freud mantinha trocas constantes com alunos e colegas, sendo Wilhelm Fliess, uma das pessoas com quem tinha intensa ligação e que é visto por alguns autores como o que ocupou a posição de analista para Freud.

“As correspondências de Freud a Fliess tem o teor de uma análise por incluir, por exemplo, como dispositivo, a correspondência, o endereçamento de uma escrita a um Outro, personificado pelo amigo e colega médico W. Fliess. Preservados em Freud (1986) os restos dessas trocas de cartas compreendem entre outros assuntos anotações de pacientes, resultados e achados de pesquisa em andamento (comunicados no corpo das cartas ou em manuscritos anexos), relatos de sonhos e formações do inconsciente relacionados à chamada auto análise e juízos de Freud relativos a si mesmo e ao amigo.” (VIDAL, 2010)

Estas correspondências e trocas, portanto, auxiliaram na escuta do inconsciente e na consequente construção de conceitos fundamentais. Na leitura destas correspondências, também acompanhamos o tecer inicial do que se conhece hoje por aparelho psíquico, assim como de outros conceitos imprescindíveis.

Portanto, nas correspondências com Fliess, Freud relata suas experiências, seus avanços teóricos, suas descobertas, ele também questiona os avanços e assinala possíveis recuos. Podemos dizer que estes são movimentos vivenciados por todos os que se propõem ao mergulho na psicanálise.

Nos espaços de compartilhamento com os pares torna-se possível construir a escuta clínica. As instituições psicanalíticas, por exemplo, podem servir como instrumentos de trocas intensas, assim como as que Freud estabeleceu durante toda sua trajetória. A clínica em psicanálise tem, sobretudo, uma dimensão ética, que compreende um saber sobre as escolhas, é tecida com aparatos teóricos, técnicos, na correspondência com todos estes “outros” e, em especial, na relação transferencial analista-analisando, que se estabelece no tratamento daquele que se propõe a escutar, na fortaleza das fragilidades que compõe uma clínica amparada pela psicanálise.

REFERÊNCIAS:

FRANCISCHELLI, L. A. **ZugrundeGehen**: o trabalho da psicanálise. Porto Alegre: Criação Humana, 2016.

VIDAL, P. E. V. A invenção da psicanálise e a correspondência Freud/Fliess. **Pepsic. Estilos Clin**, vol 15, n. 2. São Paulo, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000200012. Acesso em: 29 abr. 2019.

FREUD, Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: _____. **Obras Incompletas Sigmund Freud**, v. 5. Neurose, Psicose, Perversão. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016 (18-96), p. 23-45.

_____. O Aparelho Psíquico. In: _____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**, vol. 3. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 (1938a), p. 15-21.

_____. A Técnica Psicanalítica. In: _____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**, vol. 3. Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 (1938b), p. 85-111.

_____. Personagens Psicopáticos no Palco. In: _____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Arte, literatura e os artistas / Sigmund Freud. Trad. Ernani Chaves Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017 (1905-06). p. 45-52.

_____. O Poeta e o Fantasiar. In: _____. **Obras Incompletas de Sigmund Freud** Arte, literatura e os artistas / Sigmund Freud. Trad. Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (1908). p. 53-66.

LACAN, J. Intervenções sobre a transferência. In: _____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 (1951). p. 214-225.

_____. **Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 (1964), p. 123-134.

“NÃO TEM WI-FI?! ISSO É PATÉTICO!” - O MAL-ESTAR E O MUNDO VIRTUAL¹

Mariana Hollweg Dias²

O mundo virtual, seus efeitos sobre as pessoas e as relações entre elas tem sido tema corrente tanto nas discussões acadêmicas como em conversas cotidianas. Que estejamos um tanto desconfortáveis com as mudanças de nosso tempo não é nenhuma novidade. Freud, no célebre texto *O Mal-estar na Civilização*, de 1930 já dizia:

“Parece certo que não nos sentimos confortáveis na civilização atual, mas é muito difícil formar uma opinião sobre se, e em que grau, os homens de épocas anteriores se sentiram mais felizes, e sobre o papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão” (FREUD, 1996/1930, p. 95).

Nesse texto, quando reflete sobre o processo civilizatório e o progresso científico, Freud constata que ainda que o avanço tecnológico tenha algum valor para a economia da nossa felicidade, ele de fato não torna os homens mais felizes, ou seja, o domínio da natureza não é a única condição de felicidade. Ele fala de um “prazer barato”, referindo-se aos paradoxos dos avanços tecnológicos. Cito uma passagem do texto paradigmático nesse sentido:

“Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado a cidade natal e eu não precisaria de telefone para ouvir sua voz; se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito” (FREUD, 1996/1930, p.95)

Como não pensar aqui nas mudanças em relação ao tempo e ao espaço propiciadas pela *web* na atualidade, e nas consequências paradoxais das redes sociais que por um lado tem a potencialidade de nos aproximar das pessoas que estão longe e, de outro lado, nos distanciar das que estão perto?

Freud (1996/1930) ainda coloca que através do avanço da ciência o homem cria como que “órgãos auxiliares” e dá alguns exemplos, referindo que temos evidentemente limitações motoras para nos locomovermos, mas criamos navios e aviões aumentando a nossa potência motora; criamos óculos para corrigir a nossa visão bem como o telescópio e o microscópio para ver muito além do que nosso olho conseguiria; se nossa memória tem alguma limitação, criamos a câmera fotográfica para deixar imagens registradas bem como os discos para reter as impressões auditivas; o telefone amplia a capacidade de escuta a longa distância.

Para Freud, com todo esse progresso científico – e lembremos que ele estava em 1930! – o homem havia criado uma espécie de “Deus de prótese”. Imagine, então, o que ele diria se vivesse na “era Google”, nesse tempo em que não desgrudamos mais dos *smartphones* que nos abrem um mundo de possibilidades e acessos para a resolução dos problemas mais simples do cotidiano aos mais complexos, tudo na palma da nossa mão e em segundos! Isso é que é “órgão auxiliar”! No entanto, Freud já advertia o quanto esses órgãos auxiliares já causavam algumas dificuldades aos homens para além das vantagens.

Essas reflexões nos lançam a um mar sem fim de possibilidades de discussões a respeito do laço social e os processos de subjetivação. Lanço aqui algumas questões que têm me acompanhado, a partir de três cenas:

¹ Texto adaptado a partir da fala proferida na VII Jornada da CEIP: “Laço social e sintomas contemporâneos”, no dia 28 de abril de 2018.

² Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Psicóloga pela UFSM. Mestre em Psicologia Social pela UFRGS.

Cena 1 – sobre o mal-estar na fronteira real x virtual:

Gustavo, 10 anos. Enquanto aguardava sua sessão de análise, Gustavo assistia vídeos no *youtube* na sala de espera. Assim que o chamo, entram ele e seu *smartphone*. Sem desgrudar os olhos da tela, diz que precisa me mostrar uma coisa e me pergunta se tem *wi-fi* porque seus dados estão acabando. Digo que não, então ele profere a frase título deste escrito: “*Não tem wi-fi? Isso é patético!*”. Patético... O Dicionário Aurélio de Português Online³ traz alguns significados para essa palavra: “1. O que comove, o que fala ao coração; 2. Sentimento; 3. Arte de comover; 4. Que move afetos; 5. Que suscita piedade, dó ou tristeza; 6. Que causa desdém por seu ridículo ou exagerado”. O tom na frase de Gustavo não deixava dúvidas: Era algo tão inadequado não dispor ali de algo que dava acesso a parte do seu mundo que chegava a dar pena, a ser ridículo!

Pega de surpresa pelo mal-estar que o “patético” me causou, ofereci o meu aparelho para acessarmos algo que era urgente! E era mesmo! Entendo que é fundamental que possamos dar lugar na sessão àquilo que as crianças, púberes e adolescentes nos apontam como importante no seu universo. No caso em questão, passamos a assistir a clipes de *funk* estilo “proibidão” em suas diferentes versões. Na escola ele cantava e dançava essas músicas com os colegas e em casa não havia lugar para falar dessas “coisas horríveis”. Em análise pôde inclusive perguntar o significado de palavras e gestos que repetia sem saber do que se tratava. Estava em jogo ali o papel da mulher, os interditos, o lugar de fala... sem dúvida temas que lhe eram caros.

Trazer esses clipes para a sessão nos permitiu tocar em pontos nodais de sua história e das construções que começava a fazer em análise. Nesse sentido,

³ Disponível em: <https://aurelioservidor.educacional.com.br/download>

Jerusalinsky (2017) coloca que para os chamados “nativos digitais” a fronteira real x virtual não é tão nítida quanto para as gerações anteriores e que por isso, em alguns casos talvez seja mesmo fundamental que no espaço de análise eles possam falar sobre o que vivem muitas vezes solitariamente nas redes.

Algo que sempre me chamou atenção no trabalho com púberes é que essa é uma época da vida em que muitas vezes o brincar de faz de conta já não tem mais um papel tão importante, mas, ao mesmo tempo, a fala ainda precisa de um suporte para se sustentar. Os vídeos, nesse caso, foram um suporte importante para a fala de Gustavo. Como coloca John (2017), o que chega via celular pode servir como “mediador do encontro” ou ainda “desculpa para que se instaure uma conversa”. Enfim, encontrar disparadores para a livre associação me parece um caminho necessário.

O achar patético não ter *wi-fi*, não é prerrogativa do Gustavo que está em análise! É fato que as crianças estão desenvolvendo-se e constituindo-se num mundo onde as tecnologias de acesso à internet, ao mundo virtual, estão postas de uma maneira muito diferente em relação às gerações anteriores. Que daí advenham efeitos interessantes e outros tantos que parecem estar trazendo sofrimento psíquico, não há dúvida.

Cena 2 – o que se faz do corpo ou o que faz corpo em tempos de hiperconexão:

Essas próximas cenas não aconteceram no consultório, mas com crianças de minha convivência. Kauê, 10 anos. Estamos num parque num belo dia de sol. Crianças andam de patins, skate, bicicleta, patinete... indago: “*E você Kauê, sabe andar de “bici”? Tem uma?*” “*Sei, um pouco... quer dizer, uma vez já consegui andar. Eu pedi uma de Natal. Na verdade eu pedi uma bicicleta ou um celular e acabei ganhando um celular, ainda bem, né?*”.

Esse “ainda bem, né?!” Me gerou um mal-estar... Sigo: “Ah é, por que Kauê?” Então me responde que a bicicleta teria um uso restrito. Aonde ele mora não é possível andar de “bici” assim pela rua, é perigoso. Ademais, ele passa o dia todo na escola e quando chega em casa já está escuro ou quase... para andar o pai teria que colocar a bicicleta no carro, levar até o parque e isso só aconteceria nos finais de semana, com sorte. Já o celular, me conta, está sempre com ele, tem muitos usos, possibilita muitas coisas: assistir vídeos, jogar, encontrar os amigos, além de comunicar-se com os pais e com os amigos por mensagens.

De alguma forma ele me conta que se sente mais incluído socialmente tendo acesso ao *smartphone* do que à bicicleta. Isso foge bastante do nosso ideal do que seria uma infância feliz e saudável: praticando atividade física, ao ar livre, com seus pares. Vai também de encontro a muitos estudos na área do desenvolvimento infantil, que tem postulado desde os perigos de uma exposição em demasia a telas até os efeitos potencialmente nocivos de games violentos, por exemplo. A partir da Psicanálise, o que nos cabe é pensar como uma mudança no laço social provocado por esses avanços tecnológicos afetam nossos processos de subjetivação, bem como os sintomas que daí decantam, afinal, como já dizia Freud (1996/1921) “a psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social”.

Jerusalinsky (2017) parte do princípio de que há risco ao processo de constituição psíquica para uma pequena criança exposta em demasia às telas, ao mundo virtual, antes que sua noção de eu esteja formada. Pequenas crianças precisam necessariamente de um Outro encarnado para nomear-lhes o mundo, bem como apresentar-lhes os interditos. Sendo assim, é importante ressaltar que o risco não estaria no uso do “objeto tela” enquanto tal, mas sim, no fato do lugar do

Outro, a ser encarnado pelos pais, passar a ser “preenchido” pelo campo virtual. A virtualidade ainda comportaria um risco ao desenvolvimento psíquico das pequenas crianças, na medida em que exclui o corpo desse processo de interação com o mundo e restringe o faz-de-conta, atividade tão cara e estruturante dos primeiros anos de vida. Isso porque a imagem computacional tem um caráter de simulação da realidade, ao invés de representá-la simbolicamente.

No entanto, autores como Goldenberg (2017) sustentam que mudanças tecnológicas sempre trouxeram algum medo de seus possíveis efeitos adversos e que seria interessante não cairmos num saudosismo em relação ao que seriam os velhos e bons tempos. É fato que é diferente falarmos em uma exposição em demasia às telas de um modo geral antes dos 2 ou 3 anos, e que aliás é sintomática de uma certa posição parental contemporânea, e a relação que se pode ter com as tecnologias todas depois disso, já no final da infância, quando aquilo que diz respeito à construção do eu e da imagem do corpo já está estruturado e organizado.

Enfim, o que me tocou na conversa com Kauê restou em inúmeras perguntas, com respostas ainda em construção: Que efeitos decantarão da experiência de tantos “Kauês” que tem brincado menos com o corpo e mais virtualmente? O que já estamos colhendo de uma infância mais aprisionada por um lado – ele não tem como andar de “bici” mais livremente, é fato – e, por outro lado, mais solta por aí nesse vasto mundo que se abre a partir da vida *online*, sobre o qual os adultos cuidadores muitas vezes não tem nem notícias?

Cena 3 – eu, o outro, e o presente que ganhei

Enzo, 5 anos, ganha um presente do pai. Fica muito feliz e vai no impulso começar a rasgar o papel do embrulho,

Lorem ipsum

mas logo interrompe essa ação e pede ao pai que grave o vídeo dele abrindo o presente para “mostrar para a galera”. O pai acha meio estranho, mas pega o celular para acatar o pedido. Então, Enzo começa em frente à câmera a desembulhar o presente devagar e narrar aos supostos expectadores o que está fazendo “Aeeee galerinha, então, eu ganhei esse presente do meu pais e vamos abrir aqui para ver o que é....A gente puxa aqui, tira o plástico ali...olha só é um homem de ferro! Que massa pessoal, eu queria muito um desses. Olha aqui a gente pode brincar assim, ele pode pular aqui....” E continua com sua demonstração.

Enzo não está nas redes sociais, não tem canal no *youtube*, tem um acesso restrito à internet. O que acontece então? Ora, ele está brincando! As crianças brincam de fazer de conta e, aliás, isso tem uma função estruturante! E fazem de conta a partir daquilo que a cultura lhes oferece e lhes mostra como um ideal social inclusive. Ser um *youtuber* está na ordem do dia! O *unboxing* (como tem sido denominado o ato de desembulhar em frente às câmeras) é algo muito presente nas redes. Quem goza nessa cena montada pelo menino? Do que gozou Enzo? De ter ganho o brinquedo? O que ele ter ganho o brinquedo poderia vir a causar no expectador da cena?

Acontece que Enzo nasceu na era em que real e virtual se confundem, em que os parâmetros da privacidade, bem como de para que ela serve, estão em franca transformação, em que a imagem parece ter uma supremacia sobre a palavra. Vemos nessa cena a força daquilo que está no laço social e nos atravessa, mais ou menos, se costurando, é claro, com nossa história e vivências pregressas.

Como analistas testemunhamos os impasses trazidos pelas novas tecnologias como, aliás, já prevera Freud. Na luta entre Eros e a Morte, inerente ao processo civilizatório, nos restará sempre um mal-estar

e nos cabe seguir buscando compreender as especificidades do nosso tempo, ainda que uma leitura mais interessante só possa ser feita, quem sabe, *a posteriori*.

REFERÊNCIAS:

FREUD, S. Psicologia de Grupo e a análise do ego. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XVIII, Além do princípio do prazer [1920-1922]. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1921), p. 78-154.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XXI, O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos [1927-1931]. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1930), p. 64-148.

GOLDENBERG, R. Reflexões de um Geek. In: BAPTISTA, A; JERUSALISNKY, J. **Intoxicações Eletrônicas. O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Àlgama, 2017, p.78-88.

JERUSALISNKY, J. Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. In: BAPTISTA, A; JERUSALISNKY, J. **Intoxicações Eletrônicas. O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Àlgama, 2017, p. 13-38.

_____. As crianças entre os laços familiares e as janelas virtuais. In: BAPTISTA, A; JERUSALISNKY, J. **Intoxicações Eletrônicas. O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Àlgama, 2017, p.39-55.

JOHN, D. Celulares na sessão de análise: manejo na clínica com púberes e adolescentes. In: BAPTISTA, A; JERUSALISNKY, J. **Intoxicações Eletrônicas. O sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Àlgama, 2017, p. 180-192.

SUICÍDIO: DIFERENTES POSICIONAMENTOS SOBRE UM TEMA COMPLEXO

Caroline Rabello dos Santos¹
Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa¹

O suicídio é um tema caro a várias disciplinas, como Antropologia, Sociologia, Psicologia, Literatura, Psicanálise e Medicina. Cada uma construiu ao longo da história modelos teóricos próprios para explicar esse fenômeno. Nós, estagiários vinculados à CEIP no ano de 2018, estivemos envolvidos em discussões e pesquisas relacionadas ao suicídio, à morte e ao luto. Consultamos filmes, séries, artigos e reportagens, na tentativa de nos aproximarmos desse tema e entendermos melhor os múltiplos discursos que produzem e são produzidos por ele. Como parte dessa investigação, decidimos empreender uma pesquisa nos sites da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP), a fim de descobrir as semelhanças e particularidades na forma como cada um aborda o tema.

Realizamos uma busca com a palavra-chave “suicídio” nos sites da ABP (www.abp.org.br) e do CFP (site.cfp.org.br), em dezembro de 2018. No site do CFP, encontramos 27 notícias em que consta a palavra-chave, sendo que a mais antiga data de 2007. Já no site da ABP, encontramos 42 resultados com a mesma palavra-chave. Os textos consultados neste site não fazem menção ao ano de publicação. A maioria deles são breves comunicados de divulgação de eventos, de forma que o volume de informações disponível é menor em comparação ao site do CFP. Centramos nossa investigação sobre os textos que apresentavam informações mais extensas sobre o assunto.

CFP: Suicídio e sociedade

As publicações no site do CFP dão particular destaque à situação dos povos indígenas, cujos casos de suicídio são relacionados às covardes agressões e constrangimentos a que são submetidos, muitas vezes praticadas pelo próprio Estado. O CFP veiculou em 2012 uma carta assinada pela comunidade Guarani-Kaiowá de Passo Piraju-MS⁵:

“estamos tentando sobreviver dia-a-dia nesse contexto de violências, exigindo e aguardando a justiça, mas infelizmente, de fato, a próxima decisão da Justiça Federal vai exterminar nossas vidas. Frente a violência e extermínio anunciado pela Justiça à quem vamos denunciar as violências praticadas contra nossas vidas?? Para qual Justiça do Brasil? (GUARANI-KAIOWÁ, 2012, s.p.)

As altas taxas de suicídio entre indígenas, particularmente entre os mais jovens, certamente não estão isoladas das condições de vida desses povos. Além dos povos indígenas, as minorias sexuais também são identificadas como grupo de risco para o comportamento suicida, com particular destaque para as lésbicas. O suicídio é entendido como uma reação à série de processos coercitivos que a sociedade impõe às sexualidades dissidentes. Sobre esse grupo incidem, também, várias formas de violência, desde estupro corretivos, invisibilidade social, e até assassinatos sistemáticos. O CFP também divulgou uma pesquisa, realizada pela APA, em que se afirma um posicionamento contrário às terapias de reorientação sexual, cujos danos potenciais incluem depressão e o comportamento suicida.

Além disso, encontramos no site do CFP a Declaração de Cajamarca, redigida pela Associação Latinoamericana para a Formação e o Ensino da Psicologia (ALEPSI, 2011). No texto, é expressa a preocupação pela deterioração da vida social, econô-

¹ Graduandos do Curso de Psicologia da UFSM e estagiários do Estágio Básico II na CEIP

⁵ Respeitamos as particularidades gramaticais e sintáticas do texto redigido pelos Guarani-Kaiowá.

mica e psicológica nos países da América Latina, fruto de anos de exploração colonialista. Como metas para combater esses problemas, a Declaração propõe a atenção à saúde integral dos sujeitos e a sensibilidade à vida comunitária e cultural.

São mencionados também os trabalhadores rurais, cujo comportamento suicida é extensamente correlacionado com a intoxicação pelo uso de agrotóxicos; e os adolescentes, cada vez mais imersos em um ambiente virtual pobre em possibilidades reais de vinculação e de contato social. É mencionado, ainda, o caso do suicídio do então reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Luis Carlos Cancellier, com referência aos constrangimentos públicos e à violência midiática aos quais teria sido submetido e que poderiam ser motivações para o ato.

De forma geral, O CFP sustenta que o suicídio é uma questão fundamentalmente social. Aborda-se o suicídio a partir de seus aspectos subjetivos e psicossociais, o que significa que a atuação dos psicólogos não pode estar restrita às intervenções individuais, mas devem sempre levar em conta as condições de vida que podem desencadear situações de sofrimento extremo. Ou seja, o suicídio está intimamente relacionado com a realidade social, econômica e política que coloca certos grupos populacionais em condições críticas de saúde mental. Os textos consultados alertam, ainda, para a ineficiência de uma postura medicalizante: “a grande quantidade de indivíduos que fazem o uso de medicação não corresponde a uma baixa no número de pessoas que apresentam ideação suicida” (CFP, 2018, s.p.).

ABP: Suicídio e transtornos mentais

Os principais textos sobre suicídio encontrados no *site* da ABP são relacionados à Campanha Setembro Amarelo. Esta campanha ocorre desde 2014 no Brasil, em uma parceria entre a ABP e o Conselho

Federal de Medicina (CFM), tendo como principal objetivo a prevenção do suicídio. É importante notar que o CFP não faz parte desta campanha.

A edição de 2018 da campanha Setembro Amarelo tem como slogan “suicídio é uma emergência médica”, buscando valorizar o atendimento médico-psiquiátrico: “Valorizamos o tratamento multidisciplinar, mas percebemos que o tratamento psiquiátrico não é devidamente valorizado por algumas instituições em suas campanhas. Isso acontece por preconceito” (ABP, 2018, s.p.).

O comportamento suicida é relacionado em sua quase totalidade a transtornos mentais não diagnosticados ou sem tratamento adequado. O tratamento adequado, por sua vez, é apresentado como uma atribuição médica. O psiquiatra é a figura que centraliza a responsabilidade de orientar o paciente no sentido do melhor tratamento: “uma avaliação médica de emergência é necessária para orientar a conduta mais adequada no sentido de proteger o indivíduo em maior risco e na iminência de cometer o suicídio” (ABP, 2018, s.p.).

Assim como o CFP, a ABP considera que o suicídio é um importante problema de saúde pública. Apesar disso, esta última parece não levar em conta fatores externos ao sujeito, limitando-se a enumerar patologias e características individuais que se configuram como fator de risco. São mencionados, principalmente, a depressão, o transtorno bipolar e o abuso de substâncias psicoativas. Quanto aos grupos de risco, há uma publicação que sinaliza que profissionais da saúde apresentam maior prevalência de suicídio, particularmente os médicos. Agentes da lei e soldados também são mencionados. Não é feita menção aos demais fatores socioeconômicos.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi colocar em diálogo diferentes discursos a respeito do suicídio. Privilegamos, como fontes de

dados, os *sites* de duas importantes entidades representativas de profissões que se ocupam diretamente com a questão da saúde mental e do suicídio. É possível perceber duas formas marcadamente diferentes de abordar um mesmo assunto. De um lado, temos o CFP, que enfatiza a importância de fatores de ordem material, social e histórica para explicar a ocorrência desigual do suicídio na população mundial. Os grupos que mais sofrem com o suicídio são aqueles vítimas de opressão e de desassistência social, como os povos indígenas, as minorias sexuais, os adolescentes os povos da América Latina. Temos, por outro lado, o posicionamento da ABP, que, apesar de considerar o suicídio como o resultado de uma interação de vários fatores, privilegia a perspectiva organicista e individual, apontando os transtornos psiquiátricos sem tratamento como os principais fatores de risco para o suicídio.

De certa forma, tentamos encontrar diferentes respostas à pergunta que o cantor e compositor Criolo formulou na canção “Ainda Há Tempo”⁶, em seu álbum de estreia: por que as pessoas saudáveis adoecem? Encontramos duas respostas muito contundentes. Uma convida a procurar as causas do suicídio nas ruas, nas relações de poder, na política. A outra evoca o uso de conceitos bem diferentes: diagnóstico, patologia, transtorno mental. Nós consideramos que a saúde mental, apesar de ser um fenômeno vivenciado individualmente, reflete o ambiente social e material em que o indivíduo constrói suas vivências. É preciso criar condições ambientais para que as pessoas possam viver com saúde. Concordamos, então, com Criolo quando afirma, na mesma música, que “sem saúde, sem paz, o nosso povo padece”.

REFERÊNCIAS:

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Suicídio, tempo de prevenção, tema de muitas profissões**. 2018. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/suicidio-prevencao-transdisciplinar/>>. Acesso em 03 dez. 2018.

ALEPSI. **Declaração de Cajamarca**. 2011. Disponível em <<http://www.alfepsi.org/declaracao-de-cajamarca/>>. Acesso em 03 dez. 2018.

GUARANI-KAIOWÁ. **Carta de seiscentos (600) comunidade Guarani-Kaiowá de Passo Piraju - Dourados - MS para o Governo e Justiça do Brasil**. 2012. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/comunidade-guarani-kaiowa-faz-apelo-ao-governo-e-a-justica-federak/>>. Acesso em 03 dez. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Nota oficial - Setembro Amarelo 2018**. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/noticias/nota-oficial-setembro-amarelo>>. Acesso em 03 dez. 2018.

⁶ Acessível no vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=j_kjt-ESG8s

ENTREVISTA

Laura Prochnow⁷

Partindo de um encontro ocorrido na CEIP, durante o Seminário “Introdução à Clínica Psicanalítica”, você nos trouxe a relação entre o grafismo e o desenvolvimento do sujeito psíquico. Você poderia discorrer sobre o tema?

As crianças, na sua maioria, apreciam expressarem-se, espontaneamente, através dos desenhos, bem como pela modelagem e pela encenação de bonecos. Se oferecermos às crianças papel, lápis de cor e tinta elas são capazes de ilustrarem suas obras primas. Essa obra nos apresenta uma combinação de cores e elementos, mas também, para quem se dispõe a escutar mais atentamente, sabe que é a expressão de sua realidade psíquica. Além de ilustrarem elas gostam de contar, a quem se dispõe escutá-las, sobre aquilo que produziram. Isto, às vezes, não tem relação lógica alguma com aquilo que se acreditaria estar vendo ali. Quando a criança inicia o seu texto a respeito do desenho podemos observar que as criações são genuinamente suas, de seu mundo e de suas representações, por isso, que nunca podemos falar de uma produção gráfica sem ter a narrativa de seu criador. Segundo Françoise Dolto, as produções das crianças são verdadeiros fantasmas representados, de onde são decodificáveis as estruturas do inconsciente. A criança dá vida ao desenho quando fala de cada parte, cada elemento cuidadosamente retratado ali. É possível dizer que a criança antropomorfiza o desenho. O que há de particular no trabalho clínico com crianças é justamente podermos contar com esses recursos que nos auxiliam na escuta de seus fantasmas, ou seja, nos auxiliam a compreender e acompanhar

⁷ Psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFRGS).

o desenvolvimento do sujeito psíquico. É possível, através do desenho, atentar para questões da vida de um sujeito, por exemplo, seus conflitos. Pode-se dizer que aquilo que nos adultos é decifrado a partir de suas associações de ideias e sobre um sonho contado, pelas crianças é ilustrado, por aquilo que elas dizem sobre o grafismo e as composições plásticas, suportes de seus fantasmas e de suas fabulações em sua relação de transferência.

Como relacionamos estas produções com a imagem e o esquema corporais?

A questão da Imagem Inconsciente do Corpo tem tudo a ver com o grafismo e suas expressões. Esses são conceitos que Françoise Dolto desenvolve cuidadosamente em seu livro “*A Imagem Inconsciente do Corpo*”. Ela trabalha, de maneira muito bonita, esses conceitos, utilizando-se de desenhos para nos mostrar a articulação da produção gráfica, com a fala do sujeito e as questões que se apresentam no caso. É nessa articulação, do sujeito com o outro e a cultura, que emerge a Imagem do Corpo. Para ser mais didática vou oferecer uma breve diferença entre Esquema Corporal e Imagem Inconsciente do Corpo, partindo do que Dolto nos ensina. O Esquema Corporal é o mesmo para todos os indivíduos (aproximadamente de mesma idade, sob um mesmo clima) da espécie humana. A imagem do corpo, em contrapartida, é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e a sua história. Ela é específica de um tipo de relação libidinal. Daí resulta que o Esquema Corporal é, em parte, inconsciente, mas também pré-consciente e consciente, enquanto que a Imagem do Corpo é eminentemente inconsciente. Ela pode se tornar em parte pré-consciente somente quando se associa à linguagem consciente, que utiliza de metáforas e metonímias referidas à imagem do corpo. A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências: inter

-humanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. A imagem do corpo é, a cada momento, memória inconsciente de todo o vivido relacional e, ao mesmo tempo, ela é atual, viva, dinâmica, simultaneamente narcísica e inter-relacional: camuflável ou atualizável na relação aqui e agora, por qualquer expressão linguageira, desenho, modelagem, invenção musical, plástica. É graças à nossa imagem do corpo sustentada por – e que se cruza com – o nosso esquema corporal que podemos entrar em comunicação com o outro.

Para Dolto, a Imagem do Corpo se apresenta em qualquer expressão livre. As crianças, como não falam diretamente sobre seus sonhos e seus fantasmas, como fazem os adultos na associação livre, se expressam através do grafismo, modelagem, entre outras formas. É com esses recursos que os analistas de crianças trabalham para desvendar os fantasmas delas, ou seja, sua Imagem do Corpo. Então, essas formas de expressões precisam ser escutadas para que possamos decodificá-las. Segundo Dolto, para ser mais clara, a imagem do corpo não é a imagem desenhada ali, ou representada na modelagem. Ela está por ser revelada pelo diálogo analítico com a criança. É por isso que Dolto diz que o analista não pode interpretar o material gráfico, plástico, que lhe é trazido pela criança; é esta que associa sobre seu trabalho e acaba por fornecer os elementos de uma interpretação psicanalítica de seus sintomas.

Observa-se que o uso de tecnologias se inicia cada vez mais precocemente. Apesar de ser uma característica da sociedade contemporânea, percebe-se a importância de haver um mediador nessa relação, possibilitando que esta seja uma experiência compartilhada. Como você percebe as consequências de um cenário onde pessoas “virtuais” estão sendo os novos “modelos” para as crianças?

Posso afirmar que é extremamente danoso para crianças pequenas, crianças menores de 3 anos, terem como mediadores da sua relação com o mundo aparelhos eletrônicos. É cada vez mais frequente chegarem no consultório crianças por volta dos 3 anos que só falam inglês ou que tem uma fala robotizada (parecem personagens saídos de desenhos animados). Isso se dá porque elas têm suas relações mediadas por aparelhos eletrônicos. Passam muitas horas submetidas a esses artefatos encantadores que tem uma tela luminosa e muito colorida, fantástica, que os captura justamente pela falta de um outro que lhe apresente uma história, sua cultura e seu mundo. As histórias que os aparelhos eletrônicos podem contar às crianças são previamente desenhadas, se apresentam sempre da mesma forma. As crianças já sabem antecipadamente o que esperar, pois repetem-se infinitamente exatamente da mesma forma. Quando contamos uma história para nossos filhos, eles costumam se queixar de que nunca termina ou começa da mesma maneira. Segundo Alfredo Jerusalinsky a tecnologia acaba com isso, ela nunca se equivoca, nunca erra. Errar nesse caso é fundamental para que possamos buscar o que está para além do equívoco. Só assim a curiosidade pode emergir.

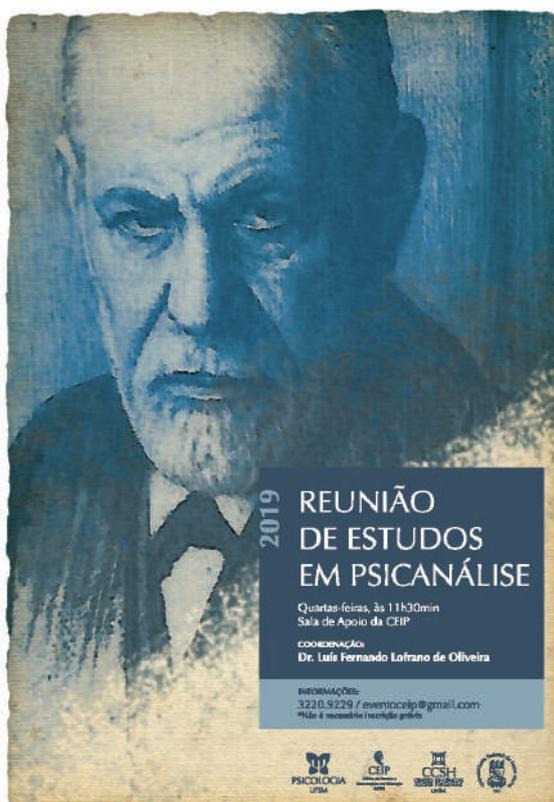
ESPAÇOS DE ESTUDOS PROMOVIDOS PELA CEIP:

Reuniões de Psicanálise

Encontros abertos aos público interessado pela Psicanálise, sob coordenação do psicanalista Luís Fernando Lofrano de Oliveira. Ocorre semanalmente, nas quartas-feiras, às 11h30.

Seminário “A escuta clínica”

Encontros com psicanalistas e psicólogos clínicos, a fim de discutir variados temas sobre a escuta em Psicanálise, apoiando-se em um escrito de base sugerido antecipadamente pelo profissional convidado e coordenador do debate. As inscrições são realizadas para cada encontro.



12º Encontro Clínico da CEIP

Advertida de que a psicanálise não é uma simples transposição dos conceitos psicanalíticos ao laço social, a psicanalista Ana Costa, dentre as questões cadentes de nossa sociedade, enfatiza a lógica das segregações. Para além da agressividade do *narcisismo das pequenas diferenças* freudiano, afirma que na atualidade os laços discursivos se sustentam da demanda de saber, numa tentativa impossível de suprimir a relação saber/verdade.

Como consequência,

“os laços se rompem numa velocidade cada vez maior e a dispersividade afeta as linguagens inventadas, que se tornam antigas, no momento mesmo em que são utilizadas. No lugar do em comum, efeitos da angústia se impõem soberanos aos corpos, atos e pensamentos, e o auto-isolamento defensivo surge como uma saída caricata. Neste ensaio contemporâneo de dispensa de uma suposição de verdade em algum lugar, o domínio de um saber parece ser insuficiente.” (COSTA, Ana - Apresentação)

Aos que se sentem convocados pela psicanálise, convidamos par participação no **12º Encontro Clínico da CEIP - Luz e Tempo. Ato e Repetição**, referência

homônima a mais recente produção de Ana Costa. Na oportunidade, perceberemos que a psicanálise não é uma prática desligada do social, é sim:

“...uma atividade que se inscreve diretamente no cerne das questões mais cadentes de nossa sociedade na medida em que estas questões não deixam de repercutir no plano mais íntimo daquilo que nossos pacientes nos dizem.” (CHEMAMA, Roland - Prefácio)

